



CINEMA INDÍGENA: ARTE E EDUCAÇÃO

Palavras-Chave: EDUCAÇÃO, CINEMA INDÍGENA, CARTOGRAFIA

Autores:

Luiz Felipe Medina Hancio, Faculdade de Ciências Aplicadas - UNICAMP
Alík Wunder, Faculdade de Educação - UNICAMP

ROSA DOS VENTOS/MG
JUNHO DE 2021

Resumo

O projeto de nome - Cinema indígena: arte e educação - teve como objetivo principal a minha afirmação e ocupação étnica dentro da Universidade e criação de espaços de diálogos interculturais com jovens não indígenas por meio de cine-debates organizados por mim. Para isso, com a metodologia de pesquisa cartográfica (BEDIN, 2014), fizemos pesquisa de catálogos de filmes de projetos e festivais de cinema e estudamos algumas produções fílmicas indígenas e produzidas com povos indígenas. Estudamos o catálogo do Projeto Vídeo nas Aldeias (VNA), pioneiro na formação de cineastas indígenas, passamos pelas produções que estão em festivais de cinema indígena atuais e por filmes longa metragens e curtas de diretores não-indígenas, sugeridos pelo grupo de pesquisa Humor Aquoso, do Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO (Faculdade de Educação). Depois de assistir aos filmes, pude montar um roteiro para os diálogos nos cine-debates. Trabalhei, principalmente, com dois curta-metragens da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI) e outro do PVA. Agora, estou utilizando capítulos do livro *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição* - Tim Ingold como apoio teórico para escrever sobre processos de apagamento étnico dentro das cidades, partindo da narrativa de minha família que se inseriu na cidade na década de 1980, em busca de melhores condições de sobrevivência. E incorporando os diálogos e memórias dos encontros de cine-debate.

Introdução

O presente texto descreve as atividades realizadas no desenvolvimento de minha iniciação científica intitulada “Cinema Indígena: Arte e Educação” na esfera da Faculdade de Educação (FE), ao longo dos últimos 12 meses. O projeto teve como objetivo o fortalecimento da ancestralidade indígena no âmbito da universidade e das escolas públicas de ensino médio. A pesquisa também teve como objetivo proporcionar reflexões a respeito do silenciamento das ancestralidades indígenas, provocadas pela colonização e organização colonial dos centros urbanos. As produções cinematográficas indígenas e não indígenas a respeito das especificidades e diversidades étnicas dos povos originários brasileiros são os meios de conexão entre mundos possíveis. Partindo das perguntas: como é retratado o indígena nas escolas não indígenas? Como o cinema indígena pode auxiliar na formação sobre as realidades indígenas? Como é contada a história da colonização nas escolas não indígenas? As realidades retratadas no cinema indígena dialogam com o que é ensinado?

Foi utilizada a metodologia cartográfica (BEDIN, 2014) para os percursos de pesquisa dos catálogos e filmes e dos diálogos do cine-debate. Na cartografia o pesquisador traça seu caminho guiado por suas inquietações, história de vida e transformações que acontecem no

próprio processo de pesquisa. Utilizei inicialmente como principal material de apoio o livro “Cineastas Indígenas para jovens e crianças” (CARELLI, Vincent; CARELLI, Rita; DE ARAÚJO, Ana Carvalho Ziller, 2010), que é um guia didático interativo para professores e estudantes de ensino fundamental criado pelo projeto *Vídeo nas Aldeias*. Fizemos algumas análises de produções cinematográficas indígenas deste projeto, de festivais de cinema indígena atuais, desde aqueles presentes no catálogo do Projeto Vídeo nas Aldeias(VNA), passando pelas produções que estão dos festivais de cinema indígena Cine Flecha (2021) e filmes da ASCURI (2014) , até às recomendações feitas pelo grupo de pesquisa - Humor Aquoso, do Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO. Depois de assistir aos filmes, foram criados espaços de diálogos interculturais através de cine-debates organizados por mim, em parceria com o Instituto Federal de São Paulo - Hortolândia, na com a Profa Davina Marques do Núcleo de Estudos Afro e Indígenas. O público alvo foram bolsistas, estudantes de ensino médio, do Núcleo de estudos. O encontro com a Profa. Davina foi desdobramento das reuniões de pesquisa do Grupo Humor-Aquoso, coordenado pela professora Alik Wunder, pesquisadora do Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO - Unicamp. Também foi realizado um segundo encontro de Cine-Debate organizado por mim, em parceria com a Profa. Angela Lucas da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA). Desta vez o público alvo foram os recém ingressantes não indígenas da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp. No evento da Calourada 2021 (Unicamp) realizei também Cine-debates e trabalhei, principalmente, com dois curta-metragens da Associação Cultural de Realizadores Indígenas (ASCURI) e outro do Projeto VNA: 1. “Pirakuá, os guardiões do Rio Apa”, 2014 - ASCURI; 2. “Panambizinho, o fogo que nunca apaga”, 2014 - ASCURI; 3. “Já me transformei em imagem”, 2008 - projeto Vídeo na Aldeias. Ao descrever aqui este percurso cartográfico de pesquisa que foi criado no encontro com os filmes trago os resultados dos diálogos realizados nos encontros de cine-debate. A proposta do texto e dos encontros foram de pensar junto aos filmes, não sendo uma análise crítica sobre questões técnicas. O exercício foi de assistir aos filmes, dialogar e escrever os pensamentos que se abrem ao entrar em contato com a arte na forma de filmes.

Além dos três filmes escolhidos para a criação de espaços de diálogos. Passaremos brevemente sobre os catálogos do Projeto Vídeo nas Aldeias e da ASCURI (ambos disponíveis de maneira gratuita nas plataformas de transmissão online de vídeo). E também faz parte de minha cartografia fílmica o longa metragem *Chuva é cantoria na aldeia dos mortos* (2018) de René Nader Messori e João Salaviza. Pois fez parte de minha apresentação, junto da professora Alik, para o grupo de pesquisa Humor Aquoso sobre a cinematografia indígena que estivemos cartografando ao longo do presente projeto.

Ao final, foi incorporada a referência bibliográfica *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição* - Tim Ingold como apoio teórico. Uma vez que utilizo a narrativa de minha família para começar os diálogos entre os filmes e os jovens não indígenas. Entendendo a vida, assim como Tim Ingold descreve, entre caminhos e conexões, entre território e corpo. Na conexão da malha que nossos caminhos nos levam e nos compõe, assim como compomos os caminhos ao longo da vida como um fluxo de processos. Afinal, o que é estar vivo?

A simplicidade da vida e a composição complexa dos meus caminhos

A concepção da vida em forma material me foi dada ao final dos anos 1990, em Campo Grande, a capital do Mato Grosso do Sul. Vim, desta vez, na materialidade do corpo humano, através da luz de *Yvoty* guerreira. É ela quem sempre me guia, direta ou indiretamente, nessa parte do mundo.[...]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARELLI, Vincent; CARELLI, Rita; DE ARAÚJO, Ana Carvalho Ziller. Cineastas Indígenas para jovens e crianças – Guia didático para estudantes do ensino fundamental. Vídeo nas Aldeias. Olinda, PE. 2010.

DA COSTA, Luciano Bedin. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV, v. 7, n. 2, p. 066-077, 2014.

INGOLD, Tim, 1948 - Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição; tradução de Fábio Creder. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2015.

NAÇÕES UNIDAS. Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas. Rio de Janeiro:

Nações Unidas, 2008. Disponível em: http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf.

SILVA, Juliano Gonçalves da. O índio no cinema brasileiro e o espelho recente. Ponta Grossa, PR: Monstro dos Mares, 2020.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria pedagógica. Currículo da cidade: povos indígenas: orientações pedagógicas. 2019.

WUNDER, Alik; VILLELA, Alice. (In) visibilidades e poéticas indígenas na escola: atravessamentos imagéticos. **Revista Teias**, v. 18, n. 51, p. 14-32, 2017.